

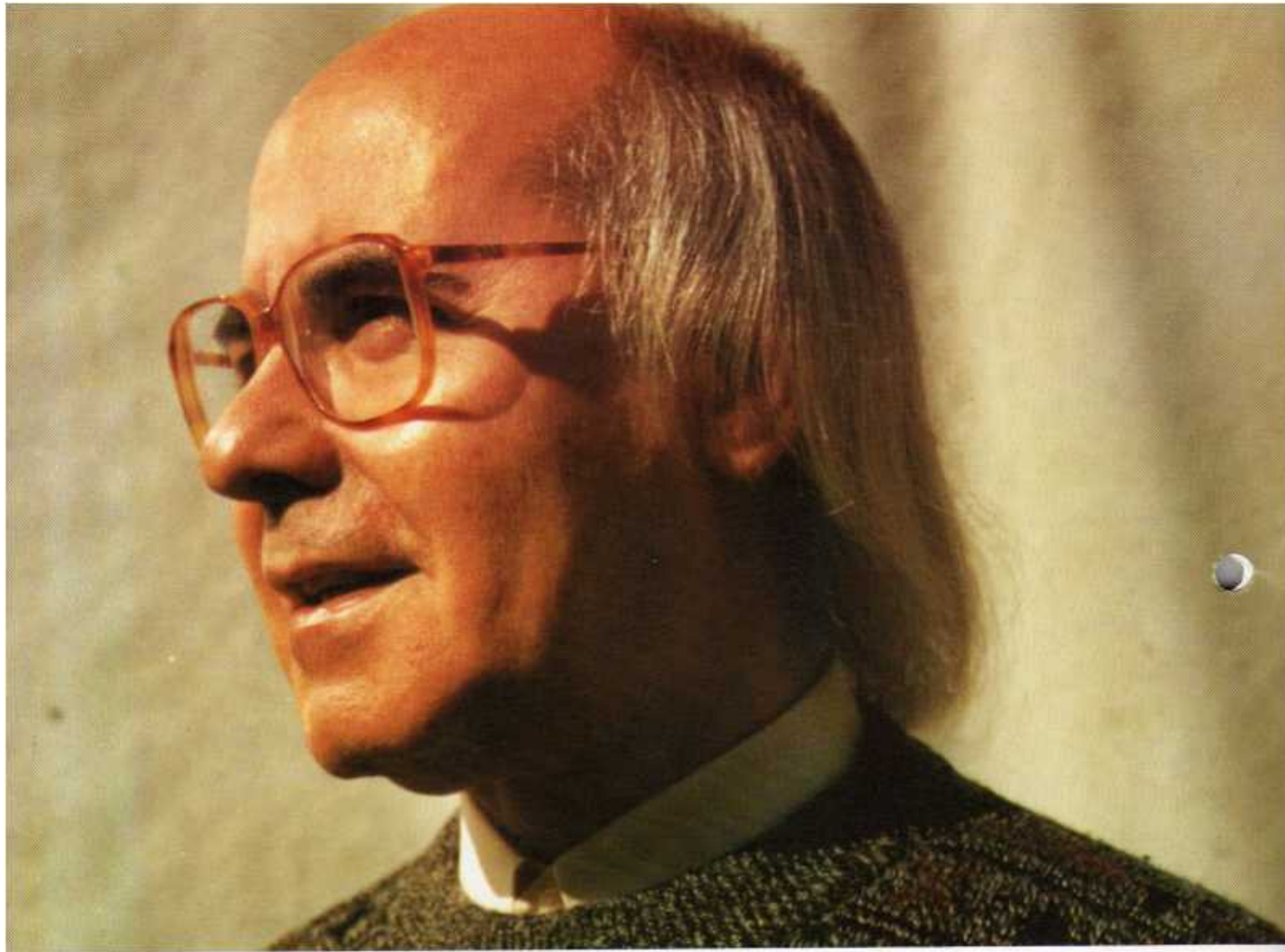


Fotografia das obras
JORGE DE CASTRO

Coordenação e montagem gráfica
LUIS JOSÉ DE VASCONCELOS

Montagem, impressão e acabamento
GRAFITALA, LDA.

Tiragem
1000 exemplares



Hilário Teixeira Lopes

Nasceu em Mirandela, a 14 de Maio de 1932.

Cursou Pintura na Escola António Arroio, em Lisboa. Recebeu lições do Mestre Celestino Alves.

Trabalhou com e sob orientação de R. Leone. Foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, em Paris, em 1963.

Sou um cidadão do mundo... quiçá de dupla personalidade, calmo e impetuoso, extrovertido e dinâmico, metódico e sincrético e que utiliza com humor a acuidade. Apesar disso, tento manter sempre o controlo das situações. Respiro a arte, a ciência, o humanismo, o respeito pelos ecossistemas, a defesa do património cultural e ecológico universal, e ainda a defesa da universalidade do processo de transformação social, do avanço impetuoso e irresistível da luta pela igualdade dos homens e dos povos. (...) Digo: vivam as galerias particulares ou oficiais; viva o processo natural de desenvolvimento das coisas da Arte; vivam todos os artistas, e viva eu cá na terra, "sempre contente".

Hilário Teixeira Lopes

Hilário

A visitação da Pintura

Diante da Pintura de Hilário, somos frequentemente tentados a pensar num trabalho de grande orquestração cromática. Vindas das regiões onde o som é cúmplice do rosto do indizível, as cores assumem-se como instrumentos, teclados e finas cordas distendidas que na tela constroem possessivamente a sua metamorfose. Porque a possessão é uma das forças desta pintura.

A noção de tempo musical ocorre também numa aproximação imediata da linguagem de um pintor que fez do gesto rápido e do veemente e apaixonado apropriar-se do espaço um modo de perspectivar durações, relacionar o efémero e o persistente, criar ritmos e andamentos e iluminar, através do intuitivamente descoberto, as imagens de reflexões fugidias, de súbito organizadas. Porque a intuição corre nestes quadros como uma seiva pródiga.

Manchas circulares mergulham em ocres verdosos, visitasões de luminosidade, pesados tons escuros, repentinas irrupções de cores agudas e superfícies neutras. O olhar viaja com o gesto, segue no cerne ondulatório do seu movimento e desta dinâmica que resolutamente vive como o pulsar de um estado de paixão.

Possessiva, intuitiva e apaixonada, a pintura de Hilário reconduz-nos musicalmente ao ritual da criação e ao gesto no mais límpido exercício da comunicação humana.



S/ Título - 1993
acrílico s/ tela - 146X114

Já Carlos Arean escrevera que as telas de Hilário tomavam conta do espectador. É verdade: ao primeiro olhar, o que acontece é a surpresa, mas depois é o êxtase. Os olhos dos espectadores não estão habituados a uma tão difícil simplicidade, a um equilíbrio tão aparentemente fácil, a cores tão virgens, a linhas tão harmoniosas entre si e por elas próprias, a manchas tão subjectivas e, ao mesmo tempo, tão *pintura*. Mas depois, passado o choque de surpresa, o espectador fica preso àquele abstraccionismo tão puro, tão incrível, tentando encontrar respostas para algo que não coloca questões, tentando entender racionalmente a tela que já amou, instintivamente, emocionalmente, abstractamente.

Este estado de graça: conseguir abstrair-se de tudo o que se sabe, de toda a carga cultural que a vida, a família, o passado, nos transmite, e fazer pintura pura, sem formas concretas, sem alusões a imagens correntes, sem a introdução do elemento poesia (muito comum a pintores abstractos europeus, como Tapies, como Bazaine, como Maria Helena Vieira da Silva), esse estado de graça, dizia conquista-se, verdadeiramente, através de uma experiência sensorial, sensitiva, íntima e ao longo dos anos.

Há ainda uma pequena frase de Matisse, soberba, que ilustra perfeitamente como Hilário pinta: "O momento em que a minha mão canta sozinha".

Por outro lado, a primeira comunicação da pintura de Hilário é a de alegria. Movimento, musicalidade, alegria, são os três elementos que sobressaem das abstracções de Hilário, e isso de uma maneira perfeitamente natural, sem desequilíbrios estéticos, porque os gestos do pintor são a reprodução das suas emoções, e as suas emoções são compostas de sentimentos abstractos - a essência da música, a intenção do movimento, a sensação da alegria.

Há alguns quadros de Hilário que atingiram o nível de uma pintura clássica.

Por vezes, de facto, a textura, as tonalidades, os gestos impressos, o ambiente dos quadros, parecem ter atingido o máximo que o pintor pode conseguir realizar e então apetece-nos classificar a tela de clássica, do passado, em algo que deve ser conservado para sempre, como testemunho cultural de uma época, de um país, de uma sensibilidade.

A sua pintura é demasiado avançada no abstraccionismo-gestualista que ainda hoje se pratica e admira. As suas telas - espaços privilegiados de pintura pura - terão ainda maior importância dentro de quinze, vinte anos, quando se chegar a um abstraccionismo completamente "matissiano", quando a cor for, por si só, aceite como pintura total.

Então se verificará o enorme passo dado com a impressionante originalidade da pintura pura de Hilário Teixeira Lopes.

Quirino Teixeira, in "Hilário - Hilário Teixeira Lopes, Vida e Obra",
Edição Tagol, Lisboa, 1990.



S/ Título - 1993
acrílico s/ tela - 162X130



S/ Título - 1994
acrílico s/ tela - 114X146

E há que atentar no "valor de um gesto para a vida. Dito de outro modo, o valor das formas em relação à vida, à sua criação, ao aumento da sua intensidade (...) O gesto sozinho, perfeito em si mesmo, é mais que uma simples possibilidade, o gesto sozinho é uma realidade (...) é uma necessidade fundamental da vida (...) é talvez (...) o paradoxo, o ponto onde se cruzam o real e o possível" (G. Lukács) ⁽²³⁾ No entanto se se considerar na globalidade a obra de Hilário, são sem dúvida as cores e as combinações entre si e também a enorme carga expressiva de uma atitude interior de forte sentido vivencial que constituem o denominador comum mais importante.

Finalmente, Hilário tem como componente, muito típico da sua própria personalidade, o imediatismo, que se liga, é evidente, à espontaneidade e à intuição e que se traduz numa pintura de grande expressão e harmonia.

**Ana Mafalda de Castro Portugal, in "Hilário - Hilário Teixeira Lopes, Vida e Obra",
Edição Tagol, Lisboa, 1990.**

Hilário Teixeira Lopes

Nasceu em Mirandela, a 14 de Maio de 1932. Coursou Pintura na Escola António Arroio, em Lisboa. Recebeu lições do Mestre Celestino Alves. Trabalhou com e sob orientação de R. Leone. Foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, em Paris, em 1963.

Prémios:

Possui dez prémios, de entre os quais se destacam o prémio Nacional Souza Cardoso, em 1965, e o Primeiro Prémio em Pintura na II Bienal Internacional Del Deporte en las Bellas Artes, em Madrid, em 1969 (participaram nesta bienal 416 artistas de 32 países).

Bibliografia:

- França, José Augusto, Dicionário de Pintura Portuguesa, Estudos Cor, Lisboa, 1973.
- Tannock, Michael, Portuguese 20th Century Artists: Biographical Dictionary, Sponwyke Hall, Chichester, West Sussex: Phillimore, 1978.
- AAVV, Dicionário de Pintura Universal, Vol. II, Estudos Cor, Lisboa 1965.
- Pamplona, Fernando de, Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses ou que trabalharam em Portugal, Vol. II, 2ª Edição, Livraria Civilização, Lisboa, 1988.
- Castellí, Leo, The New York Art Review, Ler Krantz Edition, N. York / London.
- AAVV, Dicionário de Arte Contemporânea, Editorial Presença.
- AAVV, Catálogo Geral de Artistas Ibero-Americanos 1900/1990, Editora Arabel, Madrid, 1990.
- Reinhold, Hellen Hood, Art Seen in, Palm Beach Illustrate, March, 1981.
- Portugal, Ana Mafalda de Castro.
- Teixeira, Quirino, Hilário - Hilário Teixeira Lopes, Vida e Obra, Edição Tagol, Lisboa, 1990.

Exposições Individuais:

Realizou 26 exposições individuais, das quais se salienta a realizada no Museu Español de Arte Contemporânea, em Madrid, em 1971 (por convite da Comissária General de Exposiciones/Dirección General de Bellas Artes, Ministério de Educación y Ciencia de Espanha).

Exposições Colectivas no País (Algumas):

Participou em cerca de 350 exposições colectivas das quais salientamos em Portugal, os Salões de Arte Moderna da Sociedade Nacional de Belas Artes: 1961 - II Exposição de Artes Plásticas da Fundação Calouste Gulbenkian. 1975 - Abstracção Hoje, Sociedade Nacional de Belas Artes. 1982 - I Exposição de Arte Moderna "ARUS", Museu Soares dos Reis, no Porto, e Sociedade Nacional de Belas Artes. 1983 - O Papel como Suporte, Sociedade Nacional de Belas Artes.

1984/85 - Exposição Homenagem dos Artistas Portugueses a Almada Negreiros, Galeria Almada Negreiros, Secretaria do Estado da Cultura.

1986 - Exposição Operação Ensino Árvore, Portex, Porto; V Bienal de Vila Nova de Cerveira; Exposição Artistas de António Arroio, Sociedade Nacional de Belas Artes; III Exposição de Artes Plásticas da Fundação Calouste Gulbenkian. 1987 - II Bienal Escultura/Desenho, Museu Municipal António Duarte, Caldas da Rainha. 1988 - I Artejo 88, no Mosteiro dos Jerónimos. 1989 - Exposição de Pintura, Grande Formato, Galeria Viragem Cascais; Colectiva, Pintura/Escultura/Desenho, Galeria Ariarte, Lisboa; I Anual Arte Moderna, Lagoa; Colectiva, Galeria de S. Francisco, Lisboa; Exposição Comemorativa do Vigésimo Aniversário da Galeria de S. Francisco, Lisboa; Exposição de Pintura Comemorativa dos 125 Anos do "Diário de Notícias", Galeria DN, Lisboa.

1990 - Comemoração dos 33 Aniversário da Galeria Diário de Notícias; I Exposição de Pintura Actual Portuguesa, Idanha-a-Nova. 1991 - I Bienal do Concelho do Sabugal; Exposição do Grupo Paralelo na Galeria Diário de Notícias, Lisboa. 1992 - Colectiva na Galeria Miron, Lisboa; Exposição do Grupo Paralelo na Loios Galeria, Porto; I Lisboaarte na Galeria Caixa Da Arte, Porto. 1993 - Pequeno Formato, Galeria Caixa Da Arte, Porto; Cooperativa Árvore, "Exposição de Pintura, comemorativa dos 90 Anos do Boavista Futebol Clube", Porto; Auditório Municipal de Gondomar, Exposição - "Prémio Nacional de Pintura, Júlio Resende".

No estrangeiro:

1961 - II Bienal de Paris. 1963 - IV Salão Internacional Bosio, Monte Carlo, Mónaco. 1965 - VIII Bienal de São Paulo; Universidade de Anchorage Alasca, USA; Salas H. Setern, Rio de Janeiro; Pavilhão de Portugal, Rio de Janeiro, Brasil. 1968 - Sala de Santa Catarina d. I Ateneo, Madrid. 1969

- II Bienal Internacional del Deporte en Las Bellas Artes, Madrid, Espanha. "11 Artistas Portugueses, Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro, Brasil. 1970 - IX Premi Internacional Dibuix Joan Miró, Barcelona. 1971 - III Bienal Internacional Del Deporte en Las Bellas Artes, Barcelona; X Prém

Internacional Dibuix Joan Miró. 1972 - Anne Barchet Galeria de Arte, Madrid; XI Prém Internacional Dibuix Joan Miró. 1979 - Museu de Luanda Angola. 1982 - 15 Anos de Deporte en el Art, Madrid; Exposição Operação Ensino Árvore, Biblioteca Municipal de Bordéus e Associação France-Portugal, Pau, França. 1986 - IX Bienal Internacional Del Deporte en Las Bellas Artes, Barcelona; 1988 - Arte Portuguesa Contemporânea, Museu

Nacional de Literatura, Praga e Palácio Passy, Bratislav, Checoslováquia; "Cinco Maneiras de Ver", Galeria Luise, Hanover, República Federal Alemã. 1989 - "Cinco Maneiras de Ver", Dresdner-Bank-Munique, Alemanha. 1989 - Fiera Internazionale di Arte Contemporanea, Bolonha, Itália

1991 - Fiera Internazionale di Arte Contemporanea, Bolonha, Itália. 1992 - Fiera Internazionale di Arte Contemporanea, Bolonha, Itália; X Bienal Internacional del Deporte en Las Bellas Artes, Barcelona.

Este catálogo foi patrocinado por:



De La Rue Systems Ltd.

SUCURSAL

PORTUGUESA

Rua Prof. Fernando Fonseca, 26 - 1800 LISBOA - PORTUGAL

Tel.: 757 75 23 GERAL — 757 06 47 ADM.

757 07 73 COM. — 757 75 47 / 757 05 19 TECN.

Telex: 758 30 BT



MOVIMENTO
ARTE
CONTEMPORÂNEA

Rua do Sol
ao Rato, 9C
1200 Lisboa